



## **“NADA CONTRA, TENHO ATÉ AMIGOS QUE SÃO...”**

**AIRTON RODRIGUES CARDOSO<sup>1</sup>; WAGNER FERREIRA PREVITALI<sup>2</sup>; LUIZ AUGUSTO FONSECA DUARTE JUNIOR<sup>3</sup>; MATEUS FERNANDES DA SILVA<sup>4</sup> ; LOUISE PRADO ALFONSO<sup>5</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - UFPel – [airtonrodriguescardoso@gmail.com](mailto:airtonrodriguescardoso@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade federal de Pelotas - UFPel – [wagnerfprevitali@gmail.com](mailto:wagnerfprevitali@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas - UFPel – [luizjuniorbio@gmail.com](mailto:luizjuniorbio@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas - UFPel – [mateusfernandesdasilva@live.com](mailto:mateusfernandesdasilva@live.com)

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – [louiseturismo@yahoo.com.br](mailto:louiseturismo@yahoo.com.br)

### **1. APRESENTAÇÃO**

O presente trabalho tem por objetivo apresentar situações e vivências relacionadas à “LGBTfobia” a partir da exposição Margens: diferentes formas de habitar Pelotas, realizada no âmbito das comemorações do Dia do Patrimônio de Pelotas, em agosto de 2017. A exposição foi organizada pela equipe do Projeto de pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas. Vinculados ao projeto de pesquisa estão cinco projetos de extensão desenvolvidos no Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR do departamento de Antropologia e Arqueologia da UFPEL. Os projetos envolvem grupos formados por estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes áreas, bem como docentes dessa instituição e membros externos. Nesta apresentação abordaremos questões relacionadas ao módulo da exposição desenvolvido pela equipe do projeto de extensão Mapeando a Noite: o Universo Travesti, que têm por intenção analisar, estudar e entender as diferentes formas de habitar Pelotas à noite, com foco nas travestis e o árduo trabalho da prostituição.

A exposição foi concebida de forma a apresentar diferentes grupos que habitam a cidade e são invisibilizados pelas políticas públicas de patrimônio e, muitas vezes, impossibilitados de exercer de seu direito à cidade (AGIER 2015). Os elementos materiais destes grupos, trabalhados pelos diversos projetos de extensão, foram selecionados cuidadosamente para compor os módulos da exposição de forma a favorecerem diálogos entre visitantes e mediadores tornando o processo dinâmico e interativo. Cada módulo também apresentou um banner pautado na Pedagogia da Pergunta de Freire (1985) que trazia os principais temas dos projetos para debate junto à comunidade.

O Módulo do Projeto Mapeando a noite foi pensado considerando uma gama de elementos da noite e da prostituição, por vezes julgados como promíscuos e errados, carregados assim de estigmas que tentaríamos discutir e desconstruir com o público. Uma das perguntas que guiou a elaboração do módulo e sua mediação foi: LGBTfobia é crime? quando identificamos a possibilidade da resposta ser: Talvez consideramos a importância de se trabalhar este tema neste evento. Cabe destacar que quando demonstra-se a incerteza da criminalização, mostra-se a não visibilização dos inúmeros casos de homicídios oriundos de violências físicas e psicológicas envolvendo a comunidade LGBT, e os diversos discursos de ódio estourados nas mídias com muita frequência. Optamos aqui por tratar como “LGBTfobia” a discriminação contra vários grupos da comunidade LGBT, embora ressaltamos a existência e importância de termos como: lésbofobia, homofobia, bifobia e transfobia, que foram criados para dar mais visibilidade às diferentes causas e para que todo o movimento, em suas



diferentes matizes, seja representado. Até o dia 20 de setembro, no ano de 2017 277 homicídios haviam sido registrados no Brasil, segundo levantamento do Grupo Gay da Bahia (GGB) (UOL NOTÍCIAS 2017). Trata-se da maior média de assassinatos desde que os dados passaram a ser contabilizados pela entidade baiana. Também pela primeira vez, a média de mortes ligadas à LGBTfobia ultrapassou um assassinato por dia. Estes dados justificam a pertinência do tema e a urgência deste ser levado para fora da universidade e debatido com a sociedade.

Durante a exposição evidenciamos alguns comentários e a indignação de algumas pessoas ao perceberem que temática estava sendo exposta publicamente, em um Casarão de destaque no centro histórico, reconhecido enquanto patrimônio histórico cultural. Neste contexto, iniciamos anotações e aguçamos o olhar, focando nas reações negativas de visitantes e tentando entender o que essas pessoas queriam dizer ao ignorar, tratar com indiferença ou até mesmo criticar, algumas vezes de forma grosseira, a fala das/os mediadoras.

## 2. DESENVOLVIMENTO

Para entendermos essas dinâmicas, devemos considerar os tabus sobre sexualidade, desmistificando a ideia da temática como algo íntimo, abordando o assunto em âmbito social, coletivo; a falta de conhecimento a respeito de gênero por grande parte da sociedade, o contexto histórico de perseguições, vivermos no país com os maiores índices de homicídios por LGBTfobia do mundo e, ao mesmo tempo, sendo o país com maior número de acesso a vídeos pornôs envolvendo travestis. Esses corpos que fogem da norma são tratados como objetos e descartáveis, enfrentam a dificuldade em conseguir emprego formal, de ter visibilidade e de serem aceitas socialmente.

Buscamos no módulo enfrentar o preconceito através da visibilidade e da informação. A princípio o Módulo foi pensado contendo o Banner e objetos. Os objetos selecionados para representar as travestis da noite de Pelotas foram perucas, maquiagens, roupas relacionadas à vida noturna da cidade, sapatos de salto, brilho, etc. Montamos uma manequim, representando as travestis, que sem rosto e corpo referenciavam a invisibilidade social que elas têm. Mesmo que sem rosto, ganhou várias histórias, sendo nomeada por meio de um batismo (papéis com nomes e homenagens fixados no sobretudo) por visitantes da exposição.

Durante a montagem do módulo um funcionário da Secretaria Municipal de Cultura perguntou sobre o que seria o Módulo, após ouvir a fala das/os mediadoras/es ele informou que possuía em sua sala um cartaz com foto da Brenda Lee e ofereceu para que este também compusesse o módulo. Destacamos que a exposição desde sua concepção se tentou colaborativa, pensada e montada a partir de muitas vozes, a inserção do cartaz e o batismo da manequim travesti foram apenas dois dos exemplos do dinamismo da mostra.

Assim, passou a fazer parte do módulo o cartaz lembrando esta Transexual que foi assassinada e teve sua morte negligenciada pelas autoridades, referência na luta pelos direitos LGBTs, foi assassinada sem qualquer tipo de defesa física. Ela era uma figura carismática e popular na cidade, por anos rainha dos blocos e escolas de samba na cidade, foi candidata a vereadora e estava a se formar em Psicologia pela UCPEL, quando ocorreu o crime. Assim como Brenda, Michelly Garcia, 25 anos foi brutalmente assassinada com tiros em sua própria casa. Bruna Santos, 22 anos alvo de transfobia, sendo alvejada por pauladas e tiros em um campo de futebol perto de sua casa.



“...Quem era Bruna? Bruna era uma Trans com um sorriso enorme do rosto, tristezas por dentro mas sempre sabia suportar tudo, com 11 anos se assumiu homossexual, aos 16 anos se assumiu sua identidade feminina, todos que a conheciam sabia o quanto ela fazia um dia alegre... Infelizmente no dia 9 de Julho de 2017 Bruna perdeu sua vida em um campo de futebol próximo a casa de sua família, onde foi alvo de estupro/ socos no rosto e alvejada a tiros, mais uma Trans assassinada por homofobia. Bruna não tinha redes sociais e nem gostava de tirar fotos... Era uma pessoa que ficava longe de câmeras e redes sociais.” Palavras de um amigo. (HOMOFOBIA MATA, 2017. online)

Também passou a compor o módulo uma foto da Juliana Martinelli, a Juju, liderança LGBT de Pelotas e interlocutora do Projeto Mapenado a noite que faleceu na semana do evento. Com ela aprendemos que a informação é uma ferramenta de luta, por anos ela percorreu a noite pela ong Vale a Vida levando informações sobre saúde e possibilidades de melhorias da qualidade de vida para as profissionais do sexo. Não apenas na exposição, mas também neste texto deixamos nossa homenagem e agradecimento pela parceria.

### 3. RESULTADOS

Percebemos, explicitamente, as expressões de curiosidade estampadas na face de quem entrava no Casarão 2, pois não encontravam as narrativas sobre o casarão e sobre as famílias tradicionais Pelotenses que esperavam encontrar, seguindo a dinâmica dos anos anteriores do evento. Neste casarão outros passados passaram a ser visibilizados pela exposição.

Uma primeira constatação foi que nos três dias que duraram a exposição fomos confrontados com reações positivas e negativas. Vale comentar que notamos com frequência um certo receio por parte de alguns grupos ao avistar o módulo. Relacionamos tal fato à surpresa da temática ser trabalhada no evento e ao total desconhecimento de muitas/os visitantes sobre questões relacionadas à pluralidade de gêneros, à prostituição e à LGBTfobia.

Citamos aqui alguns casos de reações negativas por parte de visitantes que nos chamaram atenção. Houveram pais que bloquearam a visão de seus filhos para que não tivessem contato com o módulo. Uma menina falou para o pai: “faltou aquele”, apontando para o canto da exposição onde estávamos, o pai respondeu “aquele não é para você”. Durante a visita de uma escola, os mediadores perguntaram se alguém queria se maquiar ou experimentar alguns dos objetos do módulo, rapidamente um aluno demonstrou interesse em se maquiar, a professora tentou impedir que o aluno tivesse contato com as maquiagens expostas alegando que ele não teria a autorização dos pais para tanto. Cabe ressaltar que várias meninas puderam usar maquiagens e experimentar objetos como perucas e saltos sem qualquer autorização dos pais. Essa observação demonstra questões de gênero cristalizadas em nossa sociedade, que dividem as coisas como de meninos ou de meninas. Ainda cabe mencionar um grande grupo de religiosos que passou, de fato, reto pelo módulo. Ignorando completamente as/os mediadores. No final três deles voltaram e solicitaram de forma sarcástica uma foto aos mediadores que usavam salto alto. O mesmo grupo impediu um membro da turma de solicitar água aos mediadores.

Um dos resultados mais significativos dessa ação foi a oportunidade que tivemos de dialogar com a prefeita da cidade, que estava acompanhada do secretário de cultura. Os projetos municipais de apoio a essa comunidade se resumem em palestras sobre doenças sexualmente transmissíveis. Sugerimos



que aumentassem as redes de apoio, principalmente apoio psicológico e de inserção desta comunidade na sociedade, tendo em vista o medo que muitas travestis e transexuais têm de transitar pela cidade durante o dia, pois, segundo elas, “nunca sabem se vão voltar vivas” ao fim de atividades corriqueiras como ir ao supermercado.

Chegamos a conclusão de que muitas das reações negativas eram adversas por questões religiosas, construções sociais em contextos históricos e ideologias de homogeneidade. Ficamos surpresas/os ao ouvir relatos de pessoas que nunca tinham entrado em contato com transexuais e travestis, menos ainda com aquelas que trabalham com prostituição. Muitas pessoas desconheciam os assassinatos de pessoas trans e travestis em Pelotas, em alguns casos manter memórias vivas se mostra como resistência, ainda mais em espaços historicamente opressivos.

#### 4. AVALIAÇÃO

Consideramos que a exposição cumpriu seus objetivos. Atentamos para o lugar onde a exposição aconteceu e, como naquele ambiente, um casarão do período das charqueadas que remete às estruturas de uma história oficial que exclui, pudemos dar ênfase a vivências, narrativas e mortes de pessoas trans e travestis. Em épocas onde o avanço da intolerância ameaça a existência da diversidade, a nossa resistência pela visibilidade das histórias dessas pessoas marginalizadas é pertinente. Não descemos do salto durante a exposição, literalmente e, ainda que resultados não sejam imediatos, sabemos que plantamos uma semente ao iniciarmos o debate sobre questões de visibilidade com pessoas que nunca haviam escutado sobre essas vivências.

É importante que levemos essas questões para debate no âmbito social, para que esses casos e outros tantos, tenham visibilidade e entendimento, pois o que é visto é lembrado. Por conseguinte, temos propostas de criar uma mesa/roda de conversa com esta temática em um evento que o projeto margens realizará durante o mês de novembro. Se existem grupos conservadores tentando combater a diversidade, temos que valorizar iniciativas visíveis a sociedade em geral, a fim de apresentar esse universo visando respeito e igualdade de direitos.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro.** Mana vol.21 no.3 Rio de Janeiro Dez. 2015

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HOMOFOBIA MATA. **Bruna dos Santos / 22 anos / Tiros / RS, Pelotas.** 2017. Acessado em: 03/10/2017.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. A metrópole sob o olhar do antropólogo. **Revista USP**, v. 102, p. 53-68, 2014.

UOL NOTÍCIAS. **ONG aponta recorde de LGBTs mortos no Brasil em 2017; "dói só de lembrar", diz parente.** 2017. Acessado em: 28/09/2017.